

OS TEMAS E OS PROBLEMAS

UM SABER EM ESPIRAL:
DESAFIOS AO CONHECIMENTO
HUMANO NO SÉCULO XXI

NESOLOGIA: PECULIARIDADES
GNOSIOLÓGICAS DAS ILHAS

CONHECIMENTO CIENTÍFICO E
HUMANIZAÇÃO DA PAISAGEM

HISTÓRIA DA MADEIRA

CULTURA, LINGUAGENS E
CRIAÇÃO ARTÍSTICA

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO
HUMANA E PROFISSIONAL
E DESAFIOS DA SOCIEDADE
MADEIRENSE

POLÍTICA, SOLIDARIEDADES,
COMUNICAÇÃO E DIÁSPORAS



Conhecer é a forma suprema da razão humana dominar o mundo, ou seja, de se sentir senhora da vida e da terra habitada. A sistematização do conhecimento de forma distinta e organizada por disciplinas decorre, entretanto, da vontade de ordenar o caos do saber. O conhecimento sistemático oferece-nos então um mapa orientador, que nos dá a impressão pacificante de que abarcamos a realidade e dominamos o caos.

Cada época cultural sentiu a necessidade de realizar esta sistematização, quer em versão de compêndios multidisciplinares, quer em versão de enciclopédia.

Esta obra resulta justamente de um evento científico realizado no quadro de um grande projeto de produção de um novo saber enciclopédico sobre a região autónoma da Madeira.

Foi a partir dos resultados de pesquisa e das reflexões apresentadas nesse evento que esta obra se estruturou, assumindo-se que o maior dos desafios seria uma aposta forte na interdisciplinaridade e na discussão das suas possibilidades e dos seus limites em tempos de acentuada especialização.

Os que se interessam pelos temas madeirenses, articulados e enquadrados por reflexões epistemológicas que interessam à problematização do processo de produção de conhecimento no século XXI, encontrarão aqui, com certeza, leituras estimulantes.

QUE SABER{ES}
PARA O SÉCULO XXI?



HISTÓRIA, CULTURA E
CIÊNCIA NA MADEIRA



QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA



COORDENADORES
JOSÉ
EDUARDO
FRANCO
E CRISTINA
TRINDADE

COORDENADORES
JOSÉ EDUARDO FRANCO
E CRISTINA TRINDADE

OS AUTORES

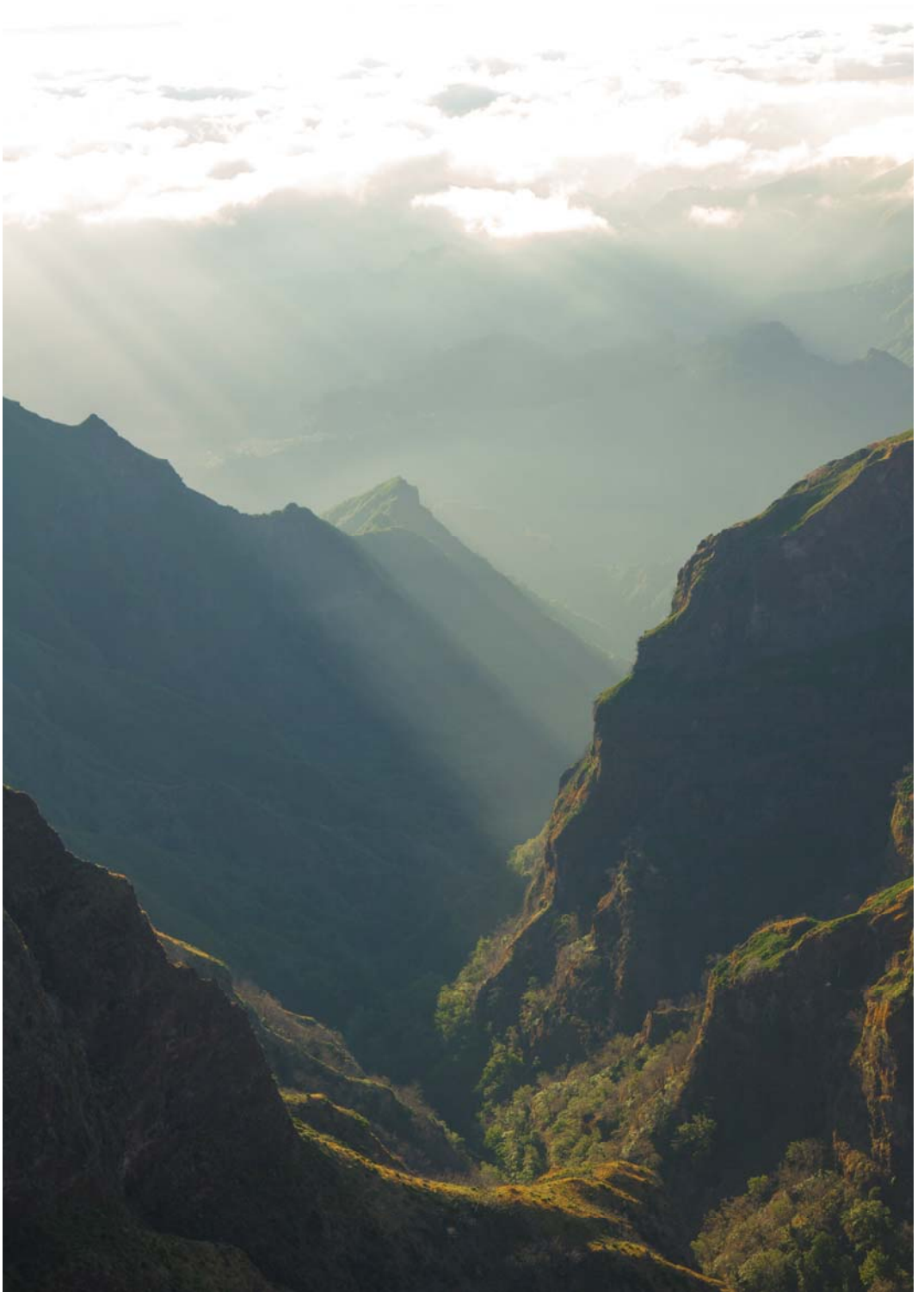
Alberto Vieira
Aline Bazenga
Ana Cristina Trindade
Ana Londral
Annabela Rita
Carla Lucas
Carlos Valente
Catarina Faria
Cristina Coelho
Cristina Trindade
Custódia Drumond
Daniela Marcheschi
Ernesto Rodrigues
Filipa Oliveira
Guilherme Silva
Isabel Santa Clara
Jacinto Jardim
Joana Balsa de Pinho
João David Pinto Correia
João Relvão Caetano
Jorge Freitas Branco
José Eduardo Franco
José Manuel Paquete de Oliveira
José Renato Gonçalves
Luís Machado de Abreu
Luísa Marinho Antunes
Luísa Soares
Marc Augé
Miguel Sequeira
Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues
Raimundo Quintal
Rui Carita
Simão Silva
Teresa Norton Dias
Thierry Proença
Thomas Dellinger
Viriato Soromenho-Marques

Projeto 'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira'
apoiado pelo programa Intervir +
www.aprenderamadeira.net



CLEPUL | Centro de Literaturas
e Culturas Lusófonas
e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa





• COLEÇÃO ESTUDOS INSULARES •

DIREÇÃO

José Eduardo Franco
José Manuel Paquete de Oliveira

CONSELHO CIENTÍFICO CONSULTIVO

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Rita Londral
Carlos Valente, Cristina Trindade, Custódia Drumond
Eduardo Jesus, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim
João David Pinto-Correia, Jorge Freitas Branco
José Agostinho Jardim Gonçalves, Luísa Marinho Antunes Paolinelli
Luísa Soares, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Renato Gonçalves
Rui Carita, Saturino Gomes, Sílvio Fernandes, Simão Daniel Silva,
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger

A condição insular foi geradora de cultura, de literatura, de modos de estar e de pensar com matizes peculiares conferidos pela mundividência de quem nasceu com a marca de ter o mar como grande e vasta fronteira. Esta coleção pretende publicar obras sobre autores, temas e problemas que valorizem a herança cultural gerada nas ilhas, nomeadamente nas ilhas portuguesas.

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

Esta obra foi publicada no âmbito do projeto
'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira',
apoiado pelo programa 'Intervir +' www.aprendermadeira.net

TÍTULO

Que Saber(es) para o Século XXI?
História, Cultura e Ciência na Madeira

COORDENADORES

José Eduardo Franco e Cristina Trindade

AUTORES

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Londral, Annabela Rita
Carla Lucas, Carlos Valente, Catarina Faria, Cristina Coelho
Cristina Trindade, Custódia Drumond, Daniela Marcheschi, Ernesto Rodrigues
Filipa Oliveira, Guilherme Silva, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim
Joana Balsa de Pinho, João David Pinto-Correia, João Relvão Caetano
Jorge Freitas Branco, José Eduardo Franco, José Manuel Paquete de Oliveira
José Renato Gonçalves, Luis Machado de Abreu, Luísa Marinho Antunes
Luísa Soares, Marc Augé, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Rui Carita, Simão Silva
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger, Viriato Soromenho-Marques

DIREITOS RESERVADOS

© Esfera do Caos Editores, APCA e Autores

DESIGN DA CAPA

DesignGlow

FOTOGRAFIAS EXTRA-CAPÍTULOS

(SEPARADORES DE PARTES E SECÇÕES, E PÁGINAS INICIAL E FINAL)

© Florentino Bernardes Franco

IMPRESSÃO E ACABAMENTO ACD PRINT

DEPÓSITO LEGAL 385734/14

ISBN 978-989-680-133-5

1ª EDIÇÃO Dezembro de 2014

ESFERA DO CAOS EDITORES

Campo Grande
Apartado 52199
1721-501 Lisboa

www.esferadocaos.pt

APCA – AGÊNCIA DE PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Estrada Comandante Camacho de Freitas, 516
9020-152 Funchal

www.apca-madeira.org

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

COORDENADORES

JOSÉ EDUARDO FRANCO
E CRISTINA TRINDADE


ESFERA DO CAOS
EDITORES


AGÊNCIA DE | PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Variedade madeirense do Português: coesão, variantes e representações

Aline Bazenga

Universidade da Madeira

Introdução

O conhecimento científico sobre as particularidades do português falado na Madeira¹ tem vindo a ser construído a par com a evolução de propostas teóricas e metodológicas de descrição das línguas no âmbito da Linguística. Depois das primeiras referências às particularidades linguísticas desta região insular, nos finais do século XIX, com o desenvolvimento da Dialectologia portuguesa, assiste-se, a partir da década de 90 do século XX, a um aumento significativo de produção científica – beneficiando dos desafios e da renovação disciplinar –, na sua grande maioria realizada por investigadores da Universidade da Madeira. Embora a cartografia linguística do arquipélago, que deveria incluir descrições rigorosas das propriedades fonéticas, lexicais e morfossintáticas das suas variedades faladas, esteja longe de estar realizada, dada a sua complexidade inerente, a investigação realizada até à atualidade e o saber acumulado sobre algumas das suas características justificam a criação de um espaço dedicado a esta temática no projeto do *Dicionário Enciclopédico da Madeira* (DEM).

Este artigo procura dar conta do estado da arte dos estudos sobre a variedade madeirense do português (secção 1), enquanto princípio orientador no processo de configuração da unidade temática a ser integrada no DEM, contribuindo para o melhor entendimento da sua estrutura interna, em termos de seleção de entradas e de autores, e da articulação com as várias áreas disciplinares, hierarquias e dependências internas (secção 2).

¹ As referências citadas no artigo não esgotam o conhecimento sobre a realidade socio-histórica do conhecimento linguístico – teórico e descritivo – das variedades do português, em particular da sua variedade madeirense.

1. Investigação sobre a variedade madeirense do português

A bibliografia de referência, constituída por cerca de 150 títulos², estende-se por mais de cem anos (1883-2014) de produção científica. O saber acumulado durante este período aponta para uma distribuição desigual no que se refere aos domínios científicos. O léxico, nomeadamente os regionalismos, destaca-se como aquele que mereceu maior atenção, seguido de estudos parcelares sobre algumas particularidades fonéticas dos falantes madeirenses. A sintaxe dialetal e a análise de construções sintáticas não-padrão em uso na região, apesar de assinaladas em algumas monografias dialetais e observadas por autores madeirenses em artigos de opinião, ou mesmo sendo objeto de representação literária³, só muito recentemente passaram a constituir um objeto de estudo mais sistemático (cf. Gráfico 1).



GRÁFICO 1. Principais domínios da investigação sobre a variedade madeirense do português.

² Em Helena Rebelo, *O falar do Porto Santo. Contribuição para o estudo do vocabulário e algumas considerações sobre o consonantismo*, dissertação de doutoramento, inédita, Universidade da Madeira, 2005, pp. 29-31, é fornecida uma listagem das publicações mais significativas até 2004.

³ Sobre as representações dos falares madeirenses em obras de autores como Horácio Bento Gouveia, entre outros, consultar, entre outros, Maria Elisete Almeida, “Antiguidade e modernidade na linguagem de Horácio Bento Gouveia”, *Isleña*, n.º 30, 2002, pp. 16-24; *Idem*, “Particularidades dos falares madeirenses na obra de Horácio Bento Gouveia”, in *Colectânea de conferências, notícias e artigos da 1.ª Exposição bio-bibliográfica na Casa-Museu Dr. Horácio Bento de Gouveia*, Ponta Delgada, Ed. da Casa-Museu Dr. Horácio Bento de Gouveia, 1998.

Esta configuração, desigual no que se refere à distribuição do volume de publicações por domínios do conhecimento linguístico, enquadra-se sócio-historicamente no caminho percorrido pela própria disciplina em que se insere – a Linguística – em termos de renovação teórica face ao facto inerente a qualquer sistema linguístico que é a variação linguística. Parece-nos então possível traçar um percurso para a construção do saber sobre a realidade linguística insular, segmentando-o em três períodos (Tabela 1)⁴: (1) início da dialetologia portuguesa e primeira produção dialetal; (2) desenvolvimento de projetos dialetais e *corpora* do português; (3) criação da Universidade da Madeira e atividade de investigação focalizada na região.

(1) Final do século XIX até aos anos 60 do século XX	(2) Século XX (anos 70-90)	(3) Século XX e início do século XXI (1994-2014)
<p>Linguística Dialetologia portuguesa:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leite Vasconcelos (1858-1941); <i>Revista Lusitana</i> ▪ Paiva Boléo (1904-1992); Universidade de Coimbra; <i>Revista Portuguesa de Filologia</i> ▪ Lindley Cinto (1925-1991) Universidade de Lisboa; <i>Boletim de Filologia</i>; <i>Revista Lusitana</i> (nova série) <p>Produção científica:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Monografias e estudos dialetais (léxico, fonética, glossários) 	<p>Linguística Dialetologia</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sociolinguística (Labov) ▪ Gramática generativa (Chomsky) ▪ Linguística de <i>corpus</i> <p>Produção Científica: <i>Corpora</i> (pontos de inquérito no arquipélago da Madeira e projetos dialetais – CLUL):</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Português Fundamental</i> ▪ ALEPG ▪ ALLP 	<p>Linguística Dialetologia percetual Dados empíricos / Gramática generativa</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Projetos * CLUL: Cordialsin (Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe); InAPoP (Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese) * CLC: Amper-por * CLUP: Arquivo dialetal <p>Universidade da Madeira (1988) e Produção Científica:</p>

⁴ Para uma síntese da evolução das áreas disciplinares da Linguística em Portugal até aos anos 90 do século xx, consultar Maria Helena Mira Mateus “A ciência da linguagem em Portugal”, in José Mariano Gago (coord.), *Ciência em Portugal*, Lisboa, Comissariado para a EUROPÁLIA 91, 1991 (versão digital disponível em: http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/1991-mhmateus-ciencia_da_linguagem.pdf).

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Vocabulários 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dissertações de mestrado e de doutoramento ▪ Publicações de artigos (colaboração internacional)
--	--	--

TABELA 1. Património bibliográfico de referência: periodização da produção científica (1883-2014).

Início e desenvolvimento da dialetologia portuguesa: primeiros materiais dialetais sobre a Madeira

As primeiras referências⁵ a algumas particularidades fonéticas e lexicais da variedade falada na ilha da Madeira remontam aos finais do século XIX e ao despontar do século XX, momento que corresponde também aos começos da dialetologia⁶ portuguesa, cuja figura central é José Leite de Vasconcelos (1848-1941). Este linguista, autor de uma vasta bibliografia e responsável pelas primeiras propostas de classificação dialetal do português continental, foi também diretor da *Revista Lusitana*, na qual foram publicados alguns estudos sobre material lexical madeirense⁷. A vitalidade desta recém-constituída área de estudos foi assegurada pela atividade de Manuel de Paiva Boléo (1904-1992), na Universidade de Coimbra, e de Luís Filipe Lindley Cintra (1925-1991), na Universidade de Lisboa. Manuel de Paiva Boléo, presidente do Insti-

⁵ As primeiras referências ao dialeto madeirense encontram-se em Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, “Essai de phonétique et phonologie de la langue portugaise d’après le dialecte de Lisbonne”, *Romania*, n.º 12, 1883, pp. 29-98, na nota de rodapé da p. 88; no artigo do naturalista P. Ernesto Schmitz, “Die Vögel Madeiræ”, in *Ornithologisches Jahrbuch* 10, 1899, pp. 11-12; e em José Leite de Vasconcelos, *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, Paris, Aillaud & cie, 1901, no capítulo II – Dialectes Insulaires, p. 130.

⁶ Sobre a história da dialetologia portuguesa, do seu início e desenvolvimento até aos anos 70 do século XX, consultar Ataliba J. de Castilho, “Rumos da dialetologia portuguesa”, *Alfa*, n.º 18-19, 1972-1973, in *Miscelânea de Estudos Dedicados a T. H. Maurer Jr.*, pp. 115-153.

⁷ Urbano Canuto Soares, “Subsídios para o Cancioneiro do Arquipélago da Madeira”, *Revista Lusitana*, XVII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1914, pp. 135-158; Emanuel Paulo Vitorino Ribeiro, “Palavras do Arquipélago da Madeira”, *Revista Lusitana*, XXIII, n.º 1-4, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1920, pp. 131-137; Eduardo Antonino Pestana, “Folk-lore Madeirense”, *Revista Lusitana*, XXXVIII, 1941, pp. 7-86.

tuto de Estudos Românicos da Universidade de Coimbra, organizou o primeiro estudo sistemático dos dialetos portugueses, o Inquérito Linguístico Boléo (ILB), inicialmente aplicado por correspondência⁸, substituído, em 1962, por um inquérito direto, e que iria dar origem à sua proposta de um *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental*⁹. Fundador da *Revista Portuguesa de Filologia*, distinguiu-se também pela orientação de teses de licenciatura sobre temáticas dialetais¹⁰. Luís Filipe Lindley Cintra esteve à frente do Centro de Estudos Filológicos da Universidade de Lisboa¹¹ e dirigiu as revistas *Boletim de Filologia* e *Revista Lusitana* (nova série). Com base em inquéritos realizados em 1953-1954 e 1956 para o *Atlas Linguístico da Península Ibérica* (ALPI), elaborou, em 1971, a sua *Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses*, e, posteriormente, em 1992, o *Mapa dos Dialectos de Portugal Continental e da Galiza*, propostas de referência incontornáveis ainda hoje na investigação em dialetologia¹².

Deve-se a estes dois ilustres linguistas a orientação científica das primeiras monografias e dissertações de licenciatura sobre aspetos linguístico-etnográficos observados e recolhidos na Ilha da Madeira ou em algumas das suas localidades e no Porto Santo¹³.

⁸ Consultar a monografia de Manuel de Paiva Boléo, *O Estudo dos Dialectos e Falares Portugueses (um inquérito linguístico)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1942.

⁹ Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva, “O Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental”, in *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica, Boletim de Filologia*, n.º 20, 1961, pp. 85-112.

¹⁰ As teses que orientou encontram-se elencadas nos números 9 e 15 da *Revista Portuguesa de Filologia*, pp. 511-537 (para o período 1958-1959) e pp. 837-852 (referentes a 1969-1971), e no artigo de Clarinda de Azevedo Maia, na mesma revista, n.º 20 (1992-1995), pp. 283-284 (nas notas de rodapé), orientadas posteriormente.

¹¹ A partir de 1975 passou a designar-se Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).

¹² Luís F. Lindley Cintra, “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses”, *Boletim de Filologia*, n.º 22, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1971, pp. 81-116; Luís F. Lindley Cintra e Fernandez Rei: “Mapa dos Dialectos Portugueses e Galegos”, in *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*, Lisboa, Comissão para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses/IN-CM/União Latina, 1992.

¹³ Maria do Carmo Noronha Pereira, *Tentativa de um pequeno atlas linguístico da Madeira e algumas considerações fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar*

Este período é, assim, caracterizado pela intensa atividade de produção de materiais dialetais e pela dinâmica no desenho de uma cartografia da diversidade dialetal do território português continental e, no espaço insular, pela atividade daquela que seria considerada a “geração de ouro” da intelectualidade madeirense – Azevedo de Menezes (1863-1928), Augusto da Silva (1863-1949), Gomes Reis (1869-1950), Alberto Artur Sarmiento (1878-1953), Cabral do Nascimento (1897-1978), Visconde do Porto da Cruz (1890-1962), Antonino Pestana (1891-1963), cujo contributo culmina com as primeiras edições do *Elucidário Madeirense*¹⁴ de Fernando Augusto da Silva e de Carlos de Azevedo de Menezes, obra de referência na história do saber sobre a Madeira¹⁵.

O conjunto de factos linguísticos documentados nos trabalhos dialetais deste período – identificação de formas linguísticas (inovadoras ou conservadoras), tanto a nível fonético como a nível lexical, e o mapeamento da sua distribuição geográfica – constitui também uma fonte inestimável para outros estudos que não se limitam à Dialectologia nem à Linguística. A nível lexical, nomeadamente, resultam numa

madeirense, dissertação de licenciatura, Faculdade de Letras de Coimbra, 1951-1952; Maria Ângela Leotte Rezende, *Canhas e Câmara de Lobos – Estudo Etnográfico e Linguístico*, dissertação de licenciatura, Universidade de Lisboa, 1961; João da Cruz Nunes, *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar e Jardim do Mar*, dissertação de licenciatura, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1965; Maria de Lourdes de Oliveira Monteiro, “Porto Santo. Monografia Linguística, Etnográfica e Folclórica”, *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I, t. II, Coimbra, 1947, pp. 340-390; vol. II, t. I, 1948, pp. 28-92; vol. III, 1949, pp. 90-151. Consultar a síntese sobre o conhecimento dialetal da Madeira apresentada por Luís Filipe Lindley Cintra, “Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses”, in José Eduardo Franco (coord.), *Cultura Madeirense. Temas e Problemas*, Porto, Campo das Letras, 2008, pp. 95-104.

¹⁴ A 1.ª edição desta obra, com dois volumes, data de 1921 e a 2.ª, já com três volumes, de 1940.

¹⁵ O interesse pela variedade madeirense fica patente também nas crónicas publicadas em jornais e revistas madeirenses: Alberto Artur Sarmiento, “Populismo Madeirense”, *Heraldo da Madeira*, de 21, 25 e 28 de janeiro, de 11, 15 e 22 de fevereiro e de 1 e 8 de março de 1914); João Cabral do Nascimento, “Existem palavras e locuções madeirenses?”, *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. VIII, Funchal, 1950, p. 204; Horácio Bento Gouveia, “Linguagem falada e escrita”, *Diário de Notícias*, 8 de agosto de 1952, 1.ª página; *Idem*, “Linguajar do Brasil linguajar da Madeira”, *Diário de Notícias*, 8 de fevereiro de 1971, pp. 1-3; *Idem*, “A expressão arcaica da nossa gente”, *Diário de Notícias*, 19 de novembro de 1972, pp. 3-4.

maior compreensão de questões de natureza etimológica e semântica e, pelo facto de muitas palavras não estarem dicionarizadas – por não aparecerem em textos escritos –, vêm enriquecer o tesouro lexical do português, no qual se incluem os regionalismos associados ao espaço do arquipélago da Madeira.

Novos modelos da variação linguística (sociolinguística variacionista e gramática generativa e formal) e linguística de corpus: desenvolvimento de corpora do português

A emergência, nas décadas de 50 e 60, de dois paradigmas para o estudo dos sistemas linguísticos – respetivamente o da gramática generativa¹⁶ e o da sociolinguística variacionista¹⁷ – irá marcar a produção científica nas décadas subsequentes no panorama nacional, a partir dos finais da década de 70, de modo muito significativo no que se refere ao primeiro dos dois modelos.

A sociolinguística, embora partilhe alguns pressupostos metodológicos com a dialetologia (recolha de amostras de dados de fala espontânea junto de falantes inseridos nas suas comunidades linguísticas), distancia-se desta disciplina, ao concentrar-se na comparação de variantes linguísticas condicionadas por fatores sociais num determinado espaço, relacionando língua e sociedade, contrariamente à sua antecessora, que procurava comparar variantes linguísticas em uso em diferentes espaços geográficos e entender os processos de mudança que teriam dado origem a esses contrastes. Em ambas, como refere Maria Antónia Mota¹⁸, as variantes padrão são tidas em conta enquanto unidades de referência na comparação que se opera sobre variantes não-padrão, quer geográficas, quer integradas no conjunto de variantes produzidas pelos falantes conhecedores das regras de uso da comunidade linguística em que estão inseridos e dos valores sociais associados a cada uma delas, sendo a

¹⁶ Noam Chomsky, *Syntactic Structures*, Haia/Paris, Mouton, 1957.

¹⁷ Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog, “Empirical foundations for a theory of language change”, in W. P. Lehmann & Y. Malkeil (eds.), *Directions for Historical Linguistics: A Symposium*, Austin, University of Texas Press, 1968, pp. 95-188; William Labov, *Sociolinguistic Patterns*, Filadélfia, U. of Pennsylvania Press, 1972.

¹⁸ Maria Antónia Mota, “Variação e mudança linguística, ainda e sempre”, in *Actas do XX Encontro Nacional da APL*, Lisboa, 2005, pp. 127-138.

mudança observável na língua explicável pela ação conjunta de fatores linguísticos e sociais. Esta abordagem da variação linguística não atraiu o entusiasmo que, por exemplo, suscitou nos investigadores brasileiros sobre a variedade brasileira do português (PB)¹⁹. Maior impacto nos estudos linguísticos do português europeu (PE) teve a gramática generativa. Concebido por Chomsky, este modelo preconiza que o conhecimento linguístico é universal e inato. A sintaxe ocupa um lugar central, sendo concebida, de acordo com a Teoria dos Princípios e Parâmetros²⁰, como obedecendo a princípios, comuns a todas as línguas do mundo, e a parâmetros, responsáveis pelas grandes variações interlinguísticas.

A partir da década de 70, perfilam-se duas tendências inovadoras no panorama da produção linguística nacional. A primeira, respondendo aos desafios lançados pelo quadro teórico generativo, traduz-se em análises formais do PE²¹. Neste quadro teórico é também manifesto o interesse pela variação e intravariiedades nacionais do português (PE e PB).

A segunda tendência diz respeito ao desenvolvimento de *corpora*, sob a responsabilidade de investigadores do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), no âmbito de vários projetos de Geografia Linguística, muitos deles a incluírem pontos de inquéritos e registos orais de falantes dos espaços insulares (Açores e Madeira). É o caso do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG), projeto

¹⁹ Sobre a Sociolinguística Variacionista no Brasil, consultar Maria Cecília Mollica e Maria Luíza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 1.^a ed., São Paulo, Contexto, 2003; e, mais recentemente, os artigos de síntese de Ana Cristina Biondo Salomão, “Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil”, *Fórum Linguístico*, Florianópolis, vol. 8, n.º 2, 2011, pp. 187-207; e Maria Marta Pereira Scherre, “Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista”, *Tabuleiro de Letras*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, n.º 4, 2012; disponível em http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo09.pdf.

²⁰ Noam Chomsky, *Knowledge of Language: Its Nature, Origins, and Use*, Nova Iorque, Praeger, 1986.

²¹ Esta tendência tem concretização nas dissertações de doutoramento defendidas nos anos 80 e 90 (Maria Helena M. Mateus, *op. cit.*, nota 5) e em muitos trabalhos publicados nas *Atas dos Encontros da Associação Portuguesa de Linguística* (APL), desde 1985, data do seu 1.º Encontro, disponíveis em: <http://www.apl.org.pt/actas.html>.

apresentado por Paiva Boléo em 1957, mas apenas iniciado em 1970, com Lindley Cintra, que se encarregou da elaboração do questionário linguístico, essencialmente lexical (contendo inicialmente cerca de 3.500 perguntas, e mais tarde reduzido para aproximadamente 2000) e cuja aplicação guiaria a recolha de dados. As pesquisas de campo estenderam-se de 1974 a 2004. A sua rede é constituída por 212 pontos, distribuídos da seguinte forma: 176 no território continental português, 17 no arquipélago dos Açores, 7 no arquipélago da Madeira e 12 em zonas fronteiriças de Espanha. O *Atlas Linguístico do Litoral Português* (ALLP), coordenado por Gabriela Vitorino, foi realizado de modo a complementar o ALEPG. Os trabalhos iniciaram-se em 1984 e 1985, com a aplicação em 40 localidades (23 na costa de Portugal continental, cinco no Arquipélago da Madeira e 12 no arquipélago dos Açores) de um questionário reduzido, de 300 perguntas, que investigava nomes da flora e da fauna marinha; de referir ainda o projeto do “Português Fundamental”, iniciado também em 1970 sob a direção de Luís Filipe Lindley Cintra, com o objetivo de fornecer informação sobre o vocabulário português mais frequentemente utilizado em situações da vida corrente²², atualmente um *subcorpus* do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC)²³.

²² Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, M. L. Garcia Marques e M. L. Segura da Cruz, *Português Fundamental, Métodos e Documentos*, t. 1: *Inquérito de Frequência*, Lisboa, INIC, CLUL, 1987; *Idem, Ibidem*, t. 2: *Inquérito de Disponibilidade*, Lisboa, INIC, CLUL, 1987. Para o estabelecimento deste vocabulário foram constituídos dois *corpora*: o *Corpus* de Frequência e o *Corpus* de Disponibilidade. O *Corpus* de Frequência é um *corpus* de língua falada, recolhido entre 1970 e 1974, para o qual foram feitas, em todo o continente e ilhas de Portugal, 1800 gravações, realizadas em situação de comunicação oral espontânea, sobre os mais diversos temas do quotidiano, com falantes socialmente diversificados (quanto à idade, género, escolaridade, profissão), num total de cerca de 500 horas de gravação.

²³ Maria Fernanda Bacelar do Nascimento e J. Bettencourt Gonçalves, “Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), desenvolvimento e aplicações”, in M. F. Bacelar do Nascimento, M. C. Rodrigues, J. Bettencourt Gonçalves (orgs.), *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, volume I: *Corpora*, Lisboa, APL, 1996, pp. 143-149. O CRPC é um vasto *corpus* eletrónico da variedade europeia do Português e de outras variedades (Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Goa, Macau, Timor-Leste), contendo 311,4 milhões de palavras, provenientes de diferentes tipos de textos escritos (literário, jornalístico, técnico, etc.), de registos orais (formal e informal) e de transcrições de gravações de registos orais, dando-se assim início ao desenvolvimento de uma nova disciplina em Portugal, a da Linguística de Corpus.

Para além da recolha de materiais sonoros de informantes madeirenses, já apontada, pouco mais há a referir para o período em apreço para além da publicação dos dois artigos de Luísa Segura da Cruz e João Saramago, e o de Ernesto d'Andrade, do CLUL, sobre algumas particularidades fonéticas em uso na Madeira²⁴.

*Investigadores da Universidade da Madeira (criada em 1988):
foco na realidade linguística madeirense*

A partir dos finais dos anos 90 assiste-se à necessidade de alargar a base empírica da variação *paramétrica* no quadro generativista, de modo a complementar os dados que relevam da aquisição da língua e os que provêm dos seus diferentes estádios históricos com outros, associados a variedades dialetais não-padrão, no sentido de determinar em que aspectos as línguas diferem entre si e quais os limites da variação. Neste contexto, é concebido, em 1999, o projeto “*Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*” (*Cordial-Sin*), dirigido por Ana Maria Martins do CLUL, e que, na sua fase atual, conta com cerca de 600 mil palavras e 70 horas de gravações, além de transcrições e textos com anotações sintáticas²⁵. Este projeto dá origem a publicações em que são referidas construções sintáticas dialetais em uso na Madeira²⁶.

²⁴ Luísa Segura da Cruz e João Saramago, “Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais”, in Isabel Hub Faria (org.), *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, Edições Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 707-738; Ernesto d' Andrade, “Algumas Particularidades do Português Falado no Funchal”, in *Actas do 9.º Encontro da APL*, Coimbra, Lisboa, APL, 1993, pp. 17-30.

²⁵ O material de partida são gravações coletadas no âmbito de outros projetos de geografia linguística do CLUL: o ALEAç – Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores (coord. J. Saramago); o ALLP – Atlas Linguístico do Litoral Português (coord. G. Vitorino); o ALEPG – Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (coord. J. Saramago); o Corpus BA – Barlavento Algarvio, de M. Luísa Segura (a partir da sua dissertação de doutoramento, intitulada *A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve* e defendida em 1987); e o CPE-VAR – Corpus de Português Europeu-Variação, de Celeste Rodrigues, recolhido nos anos de 1996-97, um *corpus* com dados de leitura e de fala espontânea, constituído por entrevistas sociolinguísticas de falantes naturais de Lisboa e de Braga.

²⁶ Nomeadamente nos artigos de Ana Maria Martins, “Construções com ‘se’: Mudança e variação no português europeu”, in Ivo Castro e Inês Duarte (org.), *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus*, vol. 2, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, pp. 163-178; *Idem*,

A recolha de arquivos sonoros passa a não estar circunscrita à atividade desenvolvida pelo grupo de Dialectologia do CLUL. Outros centros de investigação são atraídos para a necessidade de constituir bases de dados mais fiáveis para efeitos de investigação de fenómenos linguísticos do português. É o caso do Arquivo Dialectal do CLUP (Universidade do Porto), que contempla amostras dialetais do português europeu contemporâneo, recolhidas por estudantes da Faculdade de Letras entre 1994 e 2012, catalogadas e tratadas linguisticamente sob coordenação de João Veloso. Do total de 141 amostras selecionadas, um subconjunto de 69, no qual se incluem quatro de inquiridos originários do arquipélago da Madeira, está disponível *online*²⁷.

Nos finais dos anos 80, graças aos trabalhos de Preston²⁸, desenvolveu-se uma outra área de estudos, a Dialectologia Percetual. De modo sumário, esta disciplina caracteriza-se por integrar conceitos de base cognitiva, como são os de “perceção” e “atitudes”, definidos em Psicologia Social, na análise da variação linguística. Procura-se, assim: (i) entender se as perceções geográficas dos falantes e as suas atitudes em relação à diversidade dialetal coincidem ou não com as áreas dialetais traçadas pelos dialetólogos; (ii) observar se os traços linguísticos identificados como específicos de cada dialeto correspondem às diferenças dialetais

“Subject doubling in European Portuguese dialects: The role of impersonal se”, in Enoch O. Aboh, Elisabeth van der Linden, Joseph Quer, Petra Sleeman (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2007*, Amesterdão e Filadélfia, John Benjamins, 2009, pp. 179-200. Mais recentemente, sobre a sintaxe dialetal, são de registar as seguintes publicações de Ernestina Carrilho e Sandra Pereira, com referência a construções sintáticas não padrão com maior incidência no arquipélago da Madeira: “Sobre a distribuição geográfica de construções sintáticas não padrão em Português europeu”, in *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, CD-ROM, Lisboa, APL, 2011; “Aires dialectales en portugais européen et syntaxe dialectale”, in *Proceedings of the International Symposium on Limits and Areas in Dialectology (LimiAr)*, Lisboa, CLUL, 2012; “On the areal dimension of non-standard syntax: Evidence from a Portuguese corpus”, in Alena Barysevich, Alexandra D’Arcy e David Heap (eds.), *Proceedings of Methods XIV: Papers from the Fourteenth International Conference on Methods in Dialectology*, Bamberg Studies in English Linguistics, Pieterlen, Suíça, Peter Lang, 2012, pp. 69-79.

²⁷ Este projeto pode ser consultado em: <http://cl.up.pt/arquivo/>.

²⁸ Dennis R. Preston (ed.), *Handbook of Perceptual Dialectology 1*, Amesterdão e Filadélfia, John Benjamins Publishing Company, 1999; Dennis R. Preston e Daniel Long (eds.), *Handbook of Perceptual Dialectology 2*, Amesterdão e Filadélfia, John Benjamins Publishing Company, 2002.

efetivas na cartografia mental dos falantes e o modo como estas são avaliadas, em termos de prestígio e inteligibilidade, dados que podem permitir compreender melhor o fenómeno da mudança linguística. Em Portugal, a aplicação das metodologias desta área de estudos tem estado a cargo de Maria Clarinda Azevedo Maia, da Universidade de Coimbra²⁹. As dissertações de mestrado sob sua orientação resultam num melhor conhecimento sobre a perceção da variedade madeirense junto de falantes do continente. Ao ser considerada a menos inteligível no panorama dialetal português, a par com as variedades açorianas, ficam patentes a sua singularidade e saliência, facto que aponta para a necessidade de estudos mais aprofundados sobre os “traços distintivos” das variedades insulares.

Este período é caracterizado por um “renascimento” na produção linguística sobre a Madeira, em grande parte provocado pela criação da Universidade da Madeira em 1988 e pela possibilidade de ser desenvolvida investigação localmente. Com efeito, cerca de 50 por cento do património bibliográfico tido como referência corresponde a investigação realizada após 1994, na sua grande maioria, por investigadores da Universidade da Madeira (Gráfico 2), para efeitos de progressão na carreira académica, resultante do seu investimento em projetos nacionais e internacionais.

As dissertações de mestrado e de doutoramento³⁰, nas áreas da Antroponímia e Terminologia Linguística, como a de Naidea Nunes, no

²⁹ Carla Sofia da Silva Ferreira, *Percepções e atitudes linguísticas das variedades diatópicas de Portugal. Um contributo para a Dialectologia perceptual*, texto policopiado, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2004; Sarah Gonçalves Martins Haddar, *Percepções, estereótipos e atitudes linguísticas albacastrenses: um estudo de dialectologia perceptual*, dissertação de mestrado em Linguística e Ensino (Linguística Aplicada) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008.

³⁰ Naidea Nunes, *Antroponímia primitiva da Madeira (séculos XV e XVI)*, tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1996; *Idem*, *O açúcar de cana na ilha da Madeira: do Mediterrâneo ao Atlântico. Terminologia e tecnologia históricas e actuais da cultura açucareira*, texto policopiado, dissertação de doutoramento apresentada à Universidade da Madeira, 2002; Helena Rebelo (cf. nota 2 deste artigo); Thierry Proença dos Santos, *De Ilhéus a Canga, de Horácio Bento Gouveia: a narrativa e as suas (re)escritas (com uma proposta de edição crítico-genética e com uma tradução parcial do romance para o francês*, dissertação de doutoramento apresentada à Universidade da Madeira, 2007.

domínio lexical, e as dissertações de doutoramento de Helena Rebelo, sobre o falar do Porto Santo, na área da fonética, e a de Thierry Proença dos Santos, que contém uma proposta de pequeno glossário de termos regionais madeirenses, marcam o início de uma época de maior visibilidade para os estudos linguísticos regionais. A estes projetos de integração na carreira académica, segue-se uma intensa atividade de investigação por parte destes investigadores da Universidade da Madeira. É o caso da participação em projetos com outras instituições universitárias e centros de investigação, tais como o do *Atlas linguístico-etnográfico da Madeira e do Porto Santo*³¹, coordenado por João Saramago e Gabriela Vitorino do CLUL, com a colaboração de Naidea Nunes e de Helena Rebelo, e o Projeto AMPER-Por, liderado por Lurdes Castro Martinho, do CLEL da Universidade de Aveiro (projeto integrado no AMPER – *Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico*, sob a coordenação de Michel Contini da Universidade de Grenoble, em França), e ao qual está associada Helena Rebelo, que tem vindo a publicar um número considerável de estudos sobre aspetos prosódicos da variedade falada madeirense. Outros trabalhos de investigação, que se situam na interface léxico-pragmática, na tentativa de configurar padrões de nomeação de lugares (toponímia) e de pessoas que os habitam (gentílicos e alcunhas coletivas), têm vindo a ser elaborados por Thierry Proença dos Santos³².

³¹ Cf. Helena Rebelo e Naidea Nunes, “Atlas linguístico-etnográfico da Madeira e do Porto Santo. Da criação de gado à fauna e flora marinhas”, *Islenha*, n.º 44, 2009, pp. 5-24. De cada uma destas duas investigadoras, são de mencionar, entre outras publicações, as seguintes: Naidea Nunes, *Outras Palavras Doces*, Funchal, CEHA [cd-rom], 2010; *Idem*, “A terminologia açucareira actual no Atlântico (Madeira, Canárias, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Brasil)”, in Helena Rebelo (coord.), *Lusofonia Tempo de Reciprocidades. Actas IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Universidade da Madeira, Edições Afrontamento, 2011, pp. 109-120; Helena Rebelo e Tiago Freitas, “Um estudo acústico das vogais madeirenses /a/, /i/ e /u/”, *Diacrítica* 21.01.2007, pp. 167-176; Helena Rebelo, “O Arquipélago da Madeira e o Projecto AMPER-Por. Primeiros resultados da análise prosódica para o Funchal”, in Adrian Turculet (ed.), *La variation diathopique de l'intonation dans le domain roumain et roman*, Iasi (Roménia), Editura Universitatii Alexandru Ioan Cuza, 2008-2009, pp. 167-183.

³² No âmbito da toponímia regional, a recensão crítica do estudo *Matriz Toponímica da Fajã da Ovelha (achegas para a sua identificação)*, de Duarte Mendes, publicada na revista *Islenha*, n.º 47, 2010, pp. 179-185; a comunicação *Para um*

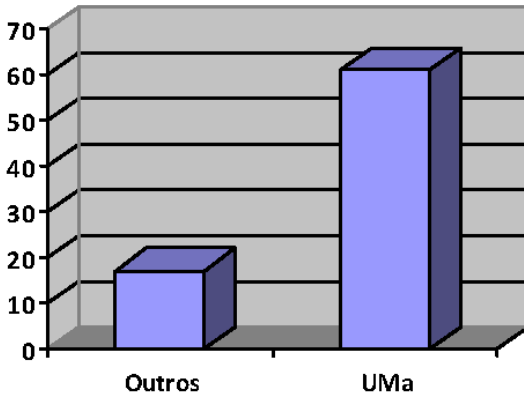


GRÁFICO 2. Investigação sobre a variedade madeirense nos últimos 20 anos (1994-2014).

No plano do léxico dialetal, são de sublinhar as dissertações de mestrado de Ana Cristina Figueiredo³³, sob a orientação do professor Malaca Casteleiro e, recentemente, a de Florentina Santos³⁴, enquadrada no Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais oferecido pela Universidade da Madeira e orientada por Naidea Nunes.

No domínio da variação sintática do português e do uso de construções não-padrão por falantes madeirenses, são de notar, para além dos estudos de Elisete Almeida, os resultados da investigação realizada por nós, aquando da participação no projeto internacional *Estudo Comparado dos Padrões de Concordância em Variedades Africanas, Brasileiras e*

estudo linguístico e histórico da toponímia da ilha da Madeira, apresentada no workshop “Desenvolvimento e Património Rural”, Câmara Municipal de Santana, a 30 de Junho de 2011, e, por fim, o artigo “Pour une étude historique et linguistique de la toponymie de l’île de Madère”, aceite para publicação em *Actes del XXIV Congrès Internacional de Ciènces Onomàstiques (ICOS)*, Barcelona, 2011. Relativamente aos gentílicos em uso na Madeira, consultar o artigo “Gentílicos e alcunhas coletivas na Madeira”, *Ilharq (Revista de Arqueologia e Património Cultural da Madeira)*, n.º 10, 2013, pp. 144-164.

³³ Ana Cristina A. Martins Figueiredo, *Palavras d’aquitrondia: contribuição para o estudo dos regionalismos madeirenses*, 2 vols., texto policopiado, dissertação de Mestrado apresentada à Universidade da Madeira, 2004; *Idem*, *Palavras d’aquitrondia (Estudo sobre regionalismos madeirenses)*, Lisboa, Fonte da Palavra, 2012.

³⁴ Maria Florentina da Silva Santos, *À Luz das palavras quase esquecidas. Contributo para os estudos dos regionalismos na Ponta do Sol*, dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira, 2013.

Europeias do Português, coordenado por Maria Antónia Mota (CLUL) e Sílvia Rodrigues Vieira, da UFRJ (Brasil) e, enquanto membro, desde 2010, do *International working group on non-dominant varieties (NDV) of pluricentric languages*, coordenado por Rudolf Muhr, da Universidade de Graz (Áustria)³⁵.

Os recursos sonoros para o estudo do português falado na Ilha da Madeira e no Porto Santo foram também substancialmente enriquecidos, nomeadamente através dos seguintes trabalhos: o Corpus do Porto Santo, constituído por dados de língua falada de 85 informantes, recolhidos entre 2001 e 2004 por Helena Rebelo e também outros dados obtidos junto de informantes residentes na ilha da Madeira; o Corpus AMPER-Por (Madeira), igualmente constituído por esta investigadora; e o Corpus Socio-

³⁵ Para além dos artigos de Maria Elisete Almeida, *op. cit.*, nota 3, ver a sua publicação mais recente “O problema da elisão dos deícticos pessoais em português: o caso de ‘Tem’ em comparação com o francês”, *Revista AICA*, 3, 2011, pp. 41-50. De nossa autoria, há a registar: (i) as publicações “Realização variável da Concordância Verbal P6 no português falado no Funchal: estudo preliminar”, *Revista Aica (Associação Internacional Científica do Atlântico)*, 2, 2010, pp. 103-114; “Concordância Verbal e variantes de 3ª pessoa do plural em PE: Resultados preliminares de um estudo sociolinguístico com base numa amostra de Português Falado no Funchal”, in Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres e Miguel Gonçalves (eds.), *Línguas Pluricêntricas: Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas /Pluricentric Languages: Linguistic Variation and Sociognitive Dimensions*, Braga, Aletheia, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2011, pp. 301-318; “Variation in subject-verb agreement in an insular dialect of European Portuguese”, in Rudolf Muhr (ed.), *Non-dominating Varieties of pluricentric Languages. Getting the Picture. In memory of Prof. Michael Clyne*. Wien, Peter Lang Verlag, 2012, pp. 335-356; Sílvia Rodrigues Vieira e Aline Bazenga, “Patterns of third person plural verbal agreement”, *Journal of Portuguese Linguistics*, Vol. 12.2, 2013, pp. 7-50; e (ii) as seguintes comunicações: *Aspectos do português falado no Funchal e Variedades do Português*, Comunicação apresentada no III SIMELP, Universidade de Macau, 30 de agosto-2 de setembro de 2011; *Construcciones existenciales: variación sintáctica y variedades del português*, Comunicação apresentada no X CILG (Congreso Internacional de Lingüística General), Universidade de Zaragoza, Espanha, 18-20 de abril de 2012. A esta lista, não exaustiva, dos trabalhos realizados sobre aspetos sintáticos da variedade madeirense, apraz acrescentar o estudo de Juliana Barbosa de Segadas Vianna, *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*, dissertação de Doutorado, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. Este trabalho contém os resultados mais recentes sobre os usos de “a gente” na variedade madeirense do português falado no Funchal, a partir de dados recolhidos pela autora durante a sua estadia na Ilha da Madeira em junho de 2010.

linguístico do Funchal/Madeira, sob a nossa orientação³⁶, iniciado em 2010, e que conta atualmente com cerca de 35 horas de gravações de 65 informantes, dos quais 56 naturais e/ou a residir no Funchal.

A Tabela 2 apresenta, em síntese, um conjunto de recursos, em termos de arquivos sonoros realizados com informantes madeirenses; o período de recolha destes dados; a sua integração em projetos dialetais de diversa natureza, sob a responsabilidade de várias instituições universitárias e dos seus centros de investigação (com os seus *links*); e as possibilidades de acesso atuais.

Projetos / Centros de Investigação	Informantes Madeirenses	Acesso
ALEP / CLUL-UL	7 pontos de inquérito (anos 70)	Sim, parcial
ALLP / CLUL-UL	5 pontos de inquérito (anos 80)	Amostra (10)
<i>Português Fundamental</i> (subcorpus do CRPC) / CLUL-UL	3 gravações Madeira – Funchal (2) e Camacha (1)	Sim
Cordial-Sin / CLUL-UL	4 pontos de inquérito (Câmara de Lobos, Caniçal) e Porto Santo (Camacha, Tanque)	Sim
Arquivo Dialetal / CLUP-UP	4 informantes da Madeira (1994-2012)	Sim
Corpus Porto Santo (Rebello, 2005) UMA	85 informantes	Não
AMPER-Por (Madeira) (AMPER — Atlas multimédia <i>prosodique de l'espace roman</i> (coord. Michel Contini, Univ. de Grenoble 3, França) / CILC-UA; UMA (Rebello, XXX)	11 informantes Madeira (Funchal: Santa Maria Maior (2) S. Martinho (2); Calheta (2), S. Jorge (1)) e Porto Santo (Campo de Baixo (2), Camacha (2))	Sim, parcial Amostra (4)
Corpus Sociolinguístico do Funchal/Madeira Proj. Padrões de Concordância / CLUL-UL; UFRJ, Brasil; UMA (Bazenga, 2010-2013)	65 informantes — Funchal (56) (desde 2010 — em curso)	Sim, parcial Amostra (27)

TABELA 2. Recursos (arquivos sonoros de informantes madeirenses).

³⁶ Enquanto investigadora integrada no Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeia* (desde 2010).

Esta tabela permite ainda constatar que a maior recolha de dados de língua falada na Madeira tem sido realizada por investigadores da Universidade da Madeira, consistindo, ao todo, em cerca de 150 arquivos sonoros de informantes madeirenses. Trata-se de um recurso de grande interesse e utilidade para os estudos da variação linguística, não só numa perspetiva interlinguística, no quadro das variedades do português, como também para uma melhor compreensão da sistematicidade interna da variedade madeirense, em alguns dos seus aspetos estruturantes, conducentes ou não a processos de mudança. Uma vez reunidos os vários *corpora*, estes recursos possibilitam vários tipos de anotações e tratamento fornecidos pela Linguística de Corpus³⁷ para efeitos de estudo e análise de vários fenómenos linguísticos, relacionados com o léxico, mas também com a fonética, a morfologia, a sintaxe e as suas interfaces.

2. A área da Linguística no DEM

A área reservada ao conhecimento de aspetos relacionados com a variedade falada do português no Arquipélago da Madeira obedeceu a uma seleção de entradas temáticas e de autores, perfazendo um total de 15 entradas e de nove autores (Tabela 3).

A seleção temática decorre do património bibliográfico referido na primeira secção e, deste ponto de vista, cada uma das entradas concentra em si fenómenos linguísticos já estudados e partilhados na comunidade científica, através de publicações e de comunicações orais. Na lista de 15 entradas fica patente a ligação ao passado e a produção científica realizada até aos finais dos anos 60 do século XX, mas também o seu carácter inovador, através da inclusão de temáticas que apenas foram estudadas, pelo menos com maior profundidade e rigor, nos últimos dez anos (2004-2014).

A estruturação interna da área da Linguística do DEM reflete, assim, o saber acumulado e, deste ponto de vista, é previsível que o domínio lexical figure como central, alinhando-se assim numa tradição em que a

³⁷ Cf. Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, “O lugar do *corpus* na investigação linguística”, in Amália Mendes *et alii* (orgs.), *Actas do XVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística e Edições Colibri, 2003, pp. 601-605.

observação e compilação de regionalismos deu origem a várias propostas de vocabulários e glossários, consoante escolhas mais ou menos fundamentadas dos seus autores, às quais se juntaram outros estudos particularizados, tanto do ponto de vista histórico-temporal como do ponto de vista espacial, ao situarem as suas descrições de fenómenos linguísticos regionais num determinado tempo ou localidade.

	Entradas	Autores	Páginas
1	Alcunhas	João Adriano Ribeiro (CAAH/UMa)	15
2	Antroponímia primitiva	Naidea Nunes (CAAH/UMa)	15
3	Azevedo, Álvaro Rodrigues de	Thierry dos Santos (CAAH/UMa)	5
4	Contacto linguístico	Alcina Sousa / Aline Bazenga (CAAH/UMa)	15
5	Dialetologia	Aline Bazenga (CAAH/UMa)	25
6	Falares na escrita	Helena Rebelo (CAAH/UMa)	10
7	Fonética	Helena Rebelo (CAAH/UMa)	25
8	Formas de tratamento	Alcina Sousa/Justino Rodrigues (CAAH/UMa)	10
9	Gentílicos e alcunhas coletivas	Thierry dos Santos (CAAH/UMa)	15
10	Gramáticas	Paulo Figueira (CAAH/UMa)	25
11	Gramáticos	Paulo Figueira (CAAH/UMa)	15
12	Provérbios e ditos	Justino Rodrigues (CAAH/UMa)	15
13	Regionalismos	Naidea Nunes/ Helena Ribeiro (CAAH/UMa)	25
14	Sintaxe	Aline Bazenga (CAAH/UMa)	15
15	Toponímia	Nelson Veríssimo (CAAH/UMa)	25
TOTAL			265

TABELA 3. Área da Linguística do DEM: estrutura interna.

Apresentam-se como inovadoras, a inclusão de sínteses em áreas – Fonética, Falares na escrita, Contacto linguístico, Sintaxe, por exemplo – que até aos anos 90 do século XX contavam apenas com estudos parcelares ou com observações mais ou menos impressionistas. Outras entradas – Alcnhas, Gentílicos e alcunhas coletivas, Formas de tratamento, Provérbios e ditos, Toponímia – têm a particularidade de estabelecerem várias interfaces intradisciplinares (como a léxico-pragmática) ou interdisciplinares (História/Linguística – léxico, por exemplo). Dentro deste grupo, a Toponímia constitui uma entrada prototípica: nela se cruzam várias áreas disciplinares do saber (História, Botânica, Geologia e Linguística) das quais irá, certamente, resultar uma descrição mais rigorosa e estruturada dos nomes de lugares das ilhas da Madeira e do Porto Santo, dos vários padrões de nomeação que emergem e da sua estabilidade ou mudança ao longo do tempo.

Foram também incluídas as entradas que refletem o contributo de figuras madeirenses, autores de gramáticas escolares, e uma descrição biográfica/bibliográfica de uma de entre elas, a de Álvaro Rodrigues de Azevedo³⁸.

Relativamente à atribuição destas temáticas a autores, a escolha decorre da dinâmica desenvolvida pela Universidade da Madeira em matéria de investigação sobre a realidade regional e do empenho dos seus investigadores na obtenção controlada de dados e na sua descrição, de acordo com o rigor de metodologias em uso em vários modelos conceituados para análise de fenómenos linguísticos na área da Linguística. Algumas, acima referidas, sendo caracterizadas por estabelecerem interfaces disciplinares, foram destinadas a vários autores em cooperação.

A Figura 1 fornece uma outra representação da área da Linguística no DEM, numa tentativa de dar a conhecer a sua estruturação interna do ponto de vista das hierarquias/dependências e ligações estabelecidas entre as temáticas/entradas (representadas em *itálico*). Nesta configuração, a Dialectologia cumpre o papel de definir conceitos gerais sobre variação linguística e variedades, à luz de várias abordagens teóricas/

³⁸ Outras figuras ilustres madeirenses que, como tal, refletiram sobre a realidade linguística da região, tais como João Cabral do Nascimento, Alberto Artur Sarmiento, Horácio Bento Gouveia, ou ainda o gramático madeirense, Manuel Alvares (1526-1583), autor do célebre manual de ensino jesuítico *De Institutione Grammatica Libri Tres* (1572), ficaram a cargo de outras áreas do DEM.

disciplinares, das quais se destacam as funcionalistas e as generativas. Esta entrada sintetiza também o conhecimento sobre a variedade madeirense do português, remetendo para cada uma das outras entradas o desenvolvimento dos vários aspetos que contribuem para esse conhecimento. Trata-se pois de uma entrada centrípeta/centrífuga, da qual emergem e para a qual apontam as outras entradas consideradas.

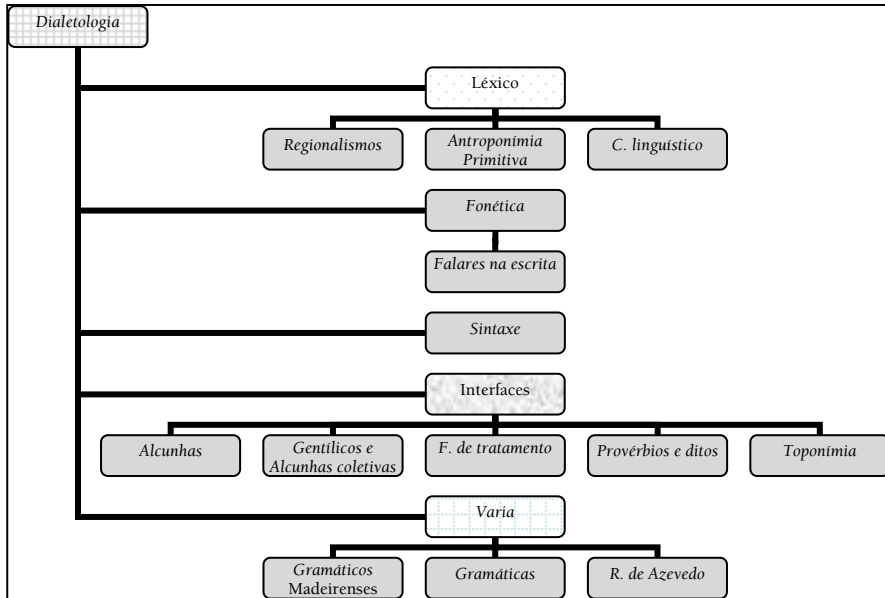


FIGURA 1. Representação da estruturação interna hierarquizada da área da Linguística do DEM.

Considerações finais

A área da Linguística do DEM, com um total previsto de 265 páginas e cujos fundamentos e estratégias de construção foram apresentados, constitui um projeto mais ambicioso do que os referidos e nunca antes realizado. Como tal, prefigura-se também de grande responsabilidade para todos os que nela colaboram. Ao ser concretizada, constituirá certamente um objeto de referência, incontornável, de divulgação de conhecimento documentado e rigoroso sobre a realidade linguística madeirense até à meta temporal estabelecida – 2014. Contribuem para esta realidade outros fatores, socioculturais e históricos, que merecem referência. Se, por um lado, a insularidade e a adjacência do arquipélago

da Madeira terão condicionado a observação desta variedade linguística, a par dos caminhos tomados pela investigação portuguesa em Linguística, face ao desenvolvimento desta área e aos desafios lançados por novos paradigmas teórico-metodológicos, por outro, a criação da Universidade da Madeira no espaço insular, num tempo de globalização e de grande desenvolvimento tecnológico, permitiu não só ultrapassar estes constrangimentos, mas também proporcionar aos seus investigadores um vasto e estimulante programa de construção de conhecimento, a decorrer.